

## O CAVALEIRO ANDANTE E A VIRGEM DESDENHOSA

MARIA HELENA NERY GARCEZ  
USP

A obra de Antero de Quental (1842-1891) apresenta duas vertentes: a do prosador e a do poeta. Enquanto prosador, são os textos de natureza filosófica que se destacam; não é por eles, contudo, que este autor se notabilizou e só o seu pensamento filosófico não teria bastado para justificar a celebridade de seu nome. O que o imortalizou e incluiu entre os grandes do patrimônio cultural de nossa pátria-mãe, a língua portuguesa, foi a sua atividade poética, notadamente enquanto criador de sonetos. Foi nessa privilegiada forma multissecular, que Antero de Quental demonstrou toda sua excelência e encontrou seu modo de expressão co-natural.

Por ele definido como “a forma completa do lirismo puro”<sup>1</sup>, nele também sua veia filosófica se realizou de modo mais perfeito, de sorte que a Antero se pode igualmente aplicar aquilo que Fernando Pessoa uma vez disse de si mesmo, a modo de apresentação: “Era eu um poeta estimulado pela filosofia e não um filósofo com faculdades poéticas”.<sup>2</sup> Será a este “poeta estimulado pela filosofia” e superiormente revelado nos **Sonetos** que me voltarei neste estudo.

Principiemos por observar que o léxico anterioriano apresenta recorrências muito significativas - quase obsessivas - que constituem pistas para reconstruir, de maneira abreviada embora, seu universo e problemática específica.

“Mundo”, com maiúscula, e correlatos: “Universo”, “Céu” e “Terra” foram os primeiros termos a me chamarem a atenção nas últimas leituras efetuadas. Pareceram-me sintomáticos do profundo empenho deste poeta em compreender o circundante e as condições em que nele se percebia enquanto ser vivo e consciente. Trata-se, como é fácil de ver, de uma preocupação de ordem filosófica. Antero busca compreender - e “buscar” é outra de suas obsessões vocabulares - o que é o “Mundo”, este “aqui” ou “cá” em que se encontra incluído e, por oposição, o que seria o “ali” ou o “lá”, o “Céu” em oposição à “Terra”. Prova disto constituem

os três sonetos de abertura de sua obra, intitulados "Ignoto Deo".<sup>3</sup> Pertencentes ao Primeiro Período de sua produção, que se estende de 1860 a 1862, presumivelmente foram escritos quando o poeta se encontrava cursando Direito na Universidade de Coimbra.

Sabemos por biografos e por testemunho epistolar do próprio Antero que sua experiência coimbrã marcou-o profundamente e imprimiu novos rumos a seu pensar e agir. A série "Ignoto Deo" manifesta essa crise.

Neles defrontamo-nos com um eu que se auto-caracteriza "alma ardente", que "busca" e "procura" na dimensão da "Terra" ou também na do "Mundo" - busca imanente, portanto - um "Deus" que qualifica de "desconhecido". Esse é, aliás, o título da série, numa clara alusão ao episódio bíblico em que Paulo anuncia aos pagãos de Atenas o Deus cristão, aproveitando-se de uma inscrição dedicatória que encontrara num altar pagão da cidade: "A um Deus Desconhecido" (Atos, XVII, 16-34). O discurso de Paulo é uma afirmação da transcendência da Divindade que, tendo feito "o mundo e tudo o que nele há (...) não habita em templos feitos por mãos humanas". O discurso poético de Antero retoma essa questão fundamental, mas contando de uma busca imanente: "esta ânsia me aconselha /A buscar-te na Terra: e eu, pobre crente,/Pelo Mundo procuro um Deus clemente" e introduzindo uma nota inexistente no discurso paulino, a da decepção: "Mas a ara só lhe encontro...nua e velha...". Fica desde logo visível um problema central de sua obra: o da transcendência ou imanência da Divindade.

Chamo a atenção para advérbio "só" - com o valor de somente, unicamente, apenas - que torna manifesta a frustração ante a pobreza do que é encontrado após tão ansiosa busca (pelo "Mundo", pela "Terra", com maiúsculas a exprimirem a exaustividade da procura). "Só", recorrência obsessiva desta linguagem poética, é talvez o termo que mais revela acerca do modo interior de Antero (não por acaso se trata de um advérbio de modo), do pouco em que ele tem tudo quanto encontra quando encontra alguma coisa, do desconsolo e frustração abismais diante da desproporção entre a expectativa e o resultado. Noutras vezes, "só" indica inexistência de opção, pobreza de alternativas. Lembremos o antológico soneto "O Palácio da Ventura". Não é nele que se pode exemplarmente ver o eu poético sob a figura do "cavaleiro andante" que busca "o palácio encantado da Ventura" na diversidade dos espaços terrenos, que o encontra e que, ao nele ingressar, se desconsola? Não está presente, no verso final do dito advérbio que é todo o impacto da decepção?

“Mas dentro encontro só, cheio de dor,  
Silêncio e escuridão - e nada mais!”<sup>4</sup>

Passemos, agora, a examinar uma situação freqüente na poesia anterior e que implica no já mencionado termo “Mundo”. É relativamente comum deparar com o “Mundo” sendo contemplado de uma elevação: montanha ou serra. Paradigmático é o conhecido “Tormento do Ideal”, em que a situação proposta nos primeiros quartetos é a seguinte:

“Conheci a Beleza que não morre  
E fiquei triste. Como quem da serra  
Mais alta que haja, olhando aos pés a terra  
E o mar, vê tudo, a maior nau ou torre,

Minguar, fundir-se, sob a luz que jorre;  
Assim eu vi o Mundo e o que ele encerra  
Perder a cor, bem como a nuvem que erra  
Ao pôr do Sol e sobre o mar discorre.”<sup>5</sup>

Da “serra mais alta que haja” não é verdade que se tem uma ampla e privilegiada visão, visão de cima, análoga à da Divindade? Tão abrangente ela é que o eu do poema afirma ter visto o “Mundo e o que ele encerra”, isto é, a totalidade das coisas, o que vulgarmente chamamos Realidade. Deste posto, a voz lírica julga do valor da totalidade do que vê, declara mais uma vez a sua decepção e estabelece a vanidade dos esforços - “em vão” - para atingir a perfeição ideal.

Observemos ainda que a situação do ver das alturas é aparentada com outra imagem também recorrente no imaginário anterior: a da “ave”, algumas vezes concretizada na “águia”. É de notar o paralelismo entre a imagem da “montanha” que, às vezes, atinge as proporções de “serra” e até da “serra mais alta que haja” e a imagem da “ave” que também pode assumir a forma da que mais alto voa, a “águia”. O voo anterior é ambicioso, o que vale dizer, o seu projeto existencial é ambicioso: compreender o Mundo, solucionar as grandes questões que ao homem se apresentam, mover-se na esfera metafísica. No entanto, esse voo nas alturas, esse olhar “o Céu de fito em fito” (soneto “Sarcasmos”) não tem a serenidade dos largos vôos majestosos mas pode dar-se em meio à turbulência de um “tufão” e o eu poético ter de reconhecer-se “fraco”, como no soneto 3º da série “Ignoto Deo”. Por um lado é “águia”, por outro “filho desgraçado”, fraco ser de “barro e limo”. Essa consciência da fragilidade, coexistente com a da aspiração às alturas, ao grande voo, materializa-se

com muita freqüência também na imagem da “flor”, como neste verso de “Lamento”: “Flor a custo medrada em erma penha”<sup>6</sup>, ou neste quarteto de “Ad Amicos (2º)”:

“Ah, flor da vida! flor viçosa e linda!  
Envolto na mortalha regelada  
De só pensar - perdão - foste olvidada...  
Flor do sentir e crer e amar... bem-vinda!”<sup>7</sup>

Não há nestes versos a projeção metafórica de uma problemática pessoal? Não há um pesar de amortilhar a vida - delicada e preciosa - na frieza do só pensar? Não é isto o que lhe destrói as fontes vitais da afetividade e da crença? E não é no soneto II de “Espiritualismo” que reencontramos a mesma imagem da “flor” - metáfora do próprio eu do poema - lutando por, entre gelos, sobreviver? Mas sua sentença já está pronunciada: “Tu morrerás também.” (1º terceto de “Espiritualismo II”)

Nesta importante parêntese de sonetos do 4º Período (1874-1880), cujo título por último mencionamos, Antero de Quental nomeia a “Dúvida”, termo chave para a inteligência de seu drama interior. Eu diria que não é um termo inocente, no sentido de que ele significa mais do que de primeira poderia parecer. O termo traz consigo uma longa história em nossa tradição cultural; assinala-se, de modo especial, no século XVII, quando Descartes elege a dúvida como método de toda sua construção filosófica. A partir de então ela já não deixa de estar presente no cenário da cultura e dessa presença os versos de Antero dão claro testemunho:

“Como um vento de morte e de ruína,  
A Dúvida soprou sobre o Universo.  
Fez-se noite de súbito, imerso  
O Mundo em densa e álgida neblina.

Nem astro já reluz, nem ave trina,  
Nem flor sorri no seu aéreo berço.  
Um veneno sutil, vago, disperso,  
Empeçonhou a criação divina.”<sup>8</sup>

E, como não transcrever aqui, na íntegra, o poema “O Convertido”, que, na organização dos **Sonetos**, vem imediatamente a seguir à parêntese “Espiritualismo”, pela exposição tão clara das conseqüências advindas desse “mal do século”?

“Entre os filhos dum século maldito  
Tomei também lugar na ímpia mesa,  
Onde, sob o folgar, geme a tristeza  
Duma ânsia impotente de infinito.

Como os outros, cuspi no altar avito  
Um rir feito de fel e de impureza...  
Mas um dia abalou-se-me a firmeza,  
Deu-me rebate o coração contrito!

Erma, cheia de tédio e de quebranto,  
Rompendo os diques ao represado pranto,  
Virou-se para Deus minha alma triste!

Amortalhei na Fé o pensamento,  
E achei a paz na inércia e esquecimento...  
Só me falta saber se Deus existe!<sup>9</sup>

À primeira, somos levados a pensar: mais um soneto de sarcasmo ao sagrado. Ao “convertido” só lhe falta o essencial. Mas uma leitura detida e que tenha em conta o contexto da obra vai-nos permitindo entender que tais versos são uma irônica expressão de amargurado desalento dirigidos mais a ele próprio, à incapacidade pessoal de conciliar Fé e Razão, ou melhor, de encontrar um sistema filosófico que lhe permitisse compatibilizar os conteúdos da Fé com as exigências da Razão. O julgamento que faz de seu século é severo. Ele é “maldito”. Examinemos, através dos oito sonetos do conjunto “A Idéia” (3º Período - 1864 a 1874), como Antero reconstituiu etapas decisivas do processo que foi levando seu século às aporias de que adoece. Seu ponto de partida é mostrar como o pensamento moderno posicionou-se relativamente à fé cristã:

“Doce e brando era o seio de Jesus...  
Que importa? havemos de passar, seguindo,  
Se além do seio dele houver mais luz!”<sup>10</sup>

O soneto IV dessa série desemboca na proposta hegeliana da Idéia, novo absoluto que acenava ao espírito humano, mas os subseqüentes vão levantando indagações e mostrando uma série de percalços desse “outro caminho”:

“Mas a idéia quem é? quem foi que a viu,  
Jamais, a essa encoberta peregrina?  
Quem lhe beijou a sua mão divina?  
Com seu olhar de amor quem se vestiu?”<sup>11</sup>

Gritante é a diferença entre a figura de Jesus, o Deus pessoal, “doce e brando” e a Idéia desencarnada, impessoal, a quem nunca ninguém viu e cuja mão ninguém nunca beijou. Daí compreender-se a desalentada conclusão do último terceto:

“E, entretanto, ó alma triste, alma chorosa,  
Tu não tens outra amante em todo o Mundo  
Mais que essa fria virgem desdenhosa!”

Os outros da série, apesar de reiterarem a frieza da Idéia, tentam, de algum modo, personificá-la, pô-la à altura de substituir o Filho de Deus feito homem, em quem os pensadores de seu século já não crêem. Mostram-na como “a esposa prometida”, incitando ao “noivado bárbaro”, às “bodas do Desejo”. Estas, no entanto, deverão dar-se num espaço que repele pela sua abstrata frieza: “lá”. E são necessários vários versos de argumentação.

“Lá! Mas onde é lá? Aonde? - Espera,  
Coração indomado! O Céu, que anseia  
A alma fiel, o Céu, o Céu da Idéia,  
Em vão o buscas nessa imensa esfera!  
(...)  
A Idéia, o sumo Bem, o Verbo, e a Essência,  
Só se revela aos homens e às nações  
No céu incorruptível da Consciência!”<sup>12</sup>

Em suma, a descoberta do Absoluto se dá no interior do próprio homem. Oito sonetos a fazer a apologia da Idéia, a propô-la como o “outro caminho”, a tentar tornar sedutora a teoria da imanência. Mas oito sonetos de argumentação vã: os textos posteriores, do 4º Período (1874-1880), patenteiam com amargura a impossibilidade de Antero encontrar nesse frígido desposório sua tão almejada Ventura. A Idéia não subsiste enquanto sonhada Dulcinéia desse “cavaleiro andante” do espírito. É nesse período que encontramos versos do tipo de “Quia Aeternus”, onde o poeta, extravasando uma agressividade revoltada, reconhece a impossibilidade de matar Deus:

“Não morreste, por mais que o brade à gente  
Uma orgulhosa e vão filosofia...  
(...)  
Não, não morreste, espectro! O Pensamento  
Como dantes te encara, e és o tormento  
De quantos sobre os livros desfalecem.”<sup>13</sup>

O “Pensamento”, com maiúscula, única realidade das filosofias idealistas, aqui aparece derrotado. É o momento de recordar que, em muitos outros, Antero já o identificara como a fonte de seus males. Leiamos estes versos de um soneto do 1º Período:

“Se fiamos num bem, que a mente cria,  
Que outro remédio há aí senão ser triste?”<sup>14</sup>

Não vê Antero, com perfeita lucidez, que se o “bem” em que ele se fia é uma criação de sua própria mente e não uma realidade objetiva, com existência extra-mental, não há motivo para ser feliz, ou, em sua terminologia, para a ventura? Não se segue daí que foi a perda da convicção na existência da Realidade fora de sua mente, o que abalou os alicerces em que se fundamentava toda a sua certeza? Não é de “incertezas” e de “dúvidas” que nosso poeta padece e de que constantemente se queixa? Deixei, aliás, para esta altura o enunciado desse outro termo anterior obsessivo: “incerteza”. A partir do momento que, em Coimbra, mergulhou no estudo do pensamento filosófico seu contemporâneo, todo o edifício de suas anteriores certezas ficou abalado. A “Dúvida”, que já começara a soprar no “Universo” desde Descartes, assolou-o com seu “vento de morte e de ruína”. Desde então, imerso em “incertezas”, só pôde ser atormentado e triste.

Mesmo que Antero, no decorrer dos anos, duvidasse do próprio idealismo e o criticasse, por si só, ele não pôde operar o “regresso às coisas” que foi obra da filosofia do início do século XX. Ainda mergulhado naquelas novas propostas e nelas se debatendo não lhe seria possível a invenção de “um poeta bucólico de espécie complicada”, batizado por seu criador com o nome de Alberto Caeiro, que viesse a enunciar estes versos:

“O Universo não é uma idéia minha.  
A minha idéia do Universo é que é uma idéia minha.  
A noite não anoitece pelos meus olhos.  
A minha idéia da noite é que anoitece por meus olhos.  
Fora de eu pensar e de haver quaisquer pensamentos  
A noite anoitece concretamente  
E o fulgor das estrelas existe como se tivesse peso.”<sup>15</sup>

Alberto Caeiro nunca escreveria idéia com maiúscula.

Da luta anterior, de vida ou morte, com a "dúvida" e a "incerteza", restou, na linguagem dos sonetos, o testemunho dramático de outra figura obsessiva de seu estilo: o dilema. Frequentes são, em seus sonetos, as situações em que há duas alternativas, ambas inaceitáveis. É o "beco sem saída", a "aporía". Transcrevo um, ainda do 1º Período, por ser exemplar:

"Se é lei, que rege o escuro pensamento,  
Ser vã toda a pesquisa da verdade,  
Em vez da luz achar a escuridade,  
Ser uma queda nova cada invento;

É lei também, embora cru tormento,  
Buscar, sempre buscar a claridade,  
E só ter como certa realidade  
O que nos mostra claro o entendimento.

O que há de a alma escolher, em tanto engano?  
Se uma hora crê de fé, logo duvida;  
Se procura, só acha... o desatino!

Só Deus pode acudir em tanto dano:  
Esperemos a luz dum outra vida,  
Seja a Terra degredo, o Céu destino."<sup>16</sup>

De um lado, a busca da verdade, para ele, é vã; de outro, é condição do homem a sua busca. A única solução é o recurso a Deus (note-se o advérbio "só"). Ora, abalada a crença em Deus, suspeito de ser apenas uma criação da mente, que outra saída poderia restar-lhe? Parafraseando Hamlet, Antero poderia ter dito: crer ou não crer, eis a questão. Amortalhar na Fé o pensamento? ou amortalhar a Fé no pensamento? Daí o gesto extremo do suicídio como saída para o beco onde o pensamento filosófico da época o encurralara.

Se Antero teve sua "primavera romântica" amorosa (como os sonetos juvenis comprovam), se teve sua "primavera revolucionária" socialista (como os sonetos do 2º Período comprovam), essas dedicações e causas constituíram, no entanto, interesses secundários que, só por temporadas, subiram ao primeiro plano. O que é constante em sua obra, atravessando-a de cabo a rabo, é a problemática filosófica e religiosa, à qual as demais, mesmo que involuntariamente, ele as subordinava. Se tivesse



conseguido resolver satisfatoriamente aquela que o polarizava, então poderia ter-se dedicado a esses e outros interesses nobres que também o solicitavam. Não conseguir crer nem descrever foi o dilema que o dilacerou.

Chegando, pois, ao termo destas reflexões, e ao contemplar ainda uma vez este “cavaleiro andante” e sua demanda num “século maldito”, paira a pergunta: “um gênio que era um santo” ou uma imponente e trágica vítima da IDÉIA, a “fria virgem desdenhosa”?

## NOTAS

1. Quental, Antero - **Prosas**. vol. I, Lisboa, Imprensa Universitária, 1923, p.128.
2. Pessoa, Fernando - **Obras em Prosa**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar, 1976, p.36.
3. Quental, Antero - **Poesia e Prosa**. (Sonetos completos, poemas e prosa escolhidos). São Paulo, Cultrix, 1974, p.44.
4. **op. cit.**, p.69.
5. **op. cit.**, p.49.
6. **op. cit.**, p.46.
7. **op. cit.**, p.58. O grifo é do texto.
8. **op. cit.**, p.89
9. **op. cit.**, p.90.
10. **op. cit.**, p.77 - “A Idéia III”.
11. **op. cit.**, p.78 - “A Idéia V”.
12. **op. cit.**, p.79-80 - “A Idéia VIII”. O grifo é do texto.
13. **op. cit.**, p.93.
14. **op. cit.**, p.55.
15. Pessoa, Fernando - **Obra Poética**. 4ª ed., Rio de Janeiro, José Aguilar Editora, 1972, p.238.
16. Quental, Antero - **Poesia e Prosa**. p.52.